
REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; GRUZINSKI, Serge.; MONÉNEMBO, Tierno. A pena e o pincel, sobre a obra de J.-B. Debret. *In*: STRAUMANN, Patrick (org.). **Rio de Janeiro, cidade mestiça**: nascimento da imagem de uma nação. Ilustrações e comentários de Jean-Baptiste Debret. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BO BARDI, Lina. Bela Criança. **Habitat**: Revista das Artes no Brasil, São Paulo, n.2, 1951.

BO BARDI, Lina. Casa de 7 mil Cruzeiros. **Habitat**: Revista das Artes no Brasil, São Paulo, n.3, 1951.

BO BARDI, Lina. Cerâmica do Nordeste. **Habitat**: Revista das Artes no Brasil, São Paulo, n.2, 1951.

BO BARDI, Lina. Mais um pintor primitivo. **Habitat**: Revista das Artes no Brasil, São Paulo, n.2, 1951.

CHONG CUY, José Esparza; TOLEDO, Thomas; PEDROSA, Adriano; GONZÁLEZ, Julieta. **Lina Bo Bardi**: Habitat. São Paulo: Editora Masp, 2020.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Enterro de uma negra católica chegando à Igreja da Lampadosa**. 1826. Óleo sobre tela. Acervo da Biblioteca Nacional.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Rio de Janeiro: cidade mestiça**. Ilustrações e comentários de Jean-Baptiste Debret. Organização de Patrick Straumann. Textos de Luiz Felipe de Alencastro, Serge Gruzinski e Tierno Monénembo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. FOSTER, Hal. O artista como etnógrafo. *In*: FOSTER, Hal. **O retorno do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: SILVA, Luiz Antônio Machado. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília: Anpocs, 1984.

LIMA, Zeuler R. de S. **Lina Bo Bardi**: o que eu queria era ter história. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Colonialismo, modernidad y capitalismo: poder político, sociedad, historia. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan. *In*: Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro; Brasília: Iphan/DAF/Copedoc, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – Incti, 2015.

STUCHI, Fabiana Terenzi. **Revista Habitat**: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo. São Paulo: FAU-USP, 2006.

TAVARES, Paulo. **Des-Habitat**. Port, v.1, p.109-111, 2021.

SOBRE A AUTORA

Beatriz Coutinho de Freitas é arquiteta e urbanista graduada em 2024, pela Escola da Cidade.

beacoutinhofreitas@gmail.com

ENSAIO

Urbanismo Travesty: Ensaio sobre a prostituição entre o sagrado e o profano

Rafael de Barros Trigo

Orientação: Prof. Ms. Antônio Fabiano Aparecido Junior (FAU-MACK)

Pesquisa: Trabalho de Conclusão, FAU-MACK, 2024-2025.

Este ensaio propõe uma reflexão crítica sobre a prostituição de travestis em São Paulo, tomando a tensão entre sagrado e profano como chave analítica para repensar o espaço urbano. Ao escolher a rua Rego Freitas e a região central como território de investigação, articula memória, violência, sociabilidade dissidente e estética travesti, evidenciando tanto mecanismos de exclusão quanto potências de reexistência nas margens da cidade. De caráter ensaístico e político, o trabalho organiza-se em três tempos – denúncia, proposição e transformação –, com ênfase na pedagogia da recusa e na hipótese de um urbanismo travesty como forma de intervenção

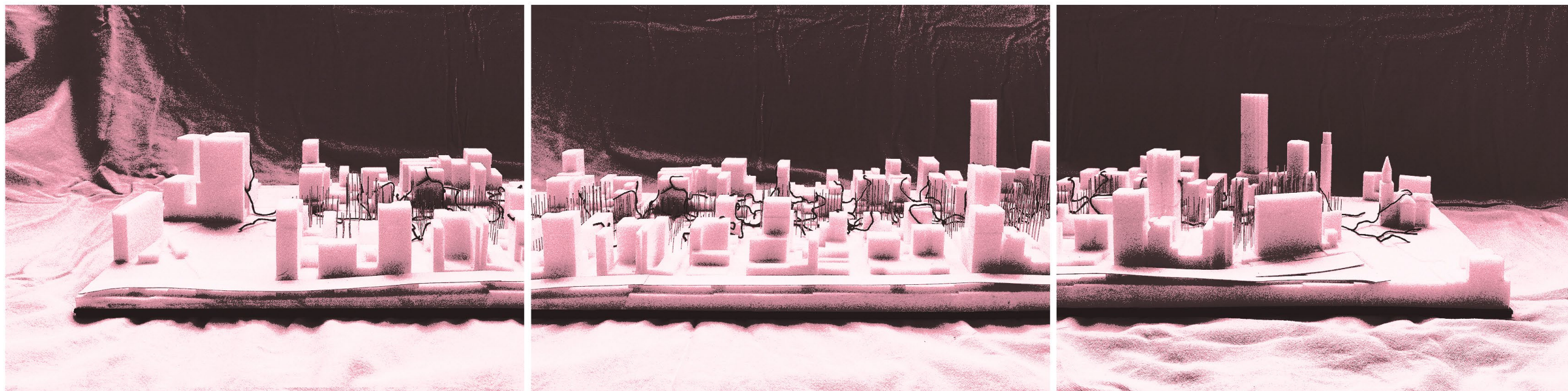
Travesty Urbanism: essays on prostitution between the sacred and the profane

This essay proposes a critical reflection on transvestite prostitution in São Paulo, taking the tension between sacred and profane as an analytical key to rethink urban space. By choosing Rego Freitas street and the downtown area as territory of investigation, it articulates memory, violence, dissident sociability, and transfeminine aesthetics to reveal mechanisms of exclusion while highlighting re-existence in the city’s margins. Essayistic and political in character, the work is organized in three moments – denunciation, proposition, and transformation –, with emphasis on a pedagogy of refusal and advancing the hypothesis of a travesty urbanism as a form of spatial intervention. The historical analysis of prostitution, public policies aimed at the trans population, and necropolitical dynamics that traverse transfeminine bodies allows us to understand the city as both a technology of death and a space of reinvention. Finally, it proposes an urban prosthesis, conceived as an experimental intervention. Rather than seeking permanent solutions, it opens fissures in the urban fabric, challenges normativities, hosts other forms of being, and tensions the borders between public and private. It is, above all, a political stance: affirming transfeminine presence as a force of urban fabulation.

especial. A análise histórica da prostituição, das políticas públicas voltadas à população trans e das dinâmicas necropolíticas que atravessam corpos transfemininos permite compreender a cidade simultaneamente como tecnologia de morte e possibilidade de reinvenção. Por fim, propõe-se uma prótese urbana, concebida como intervenção experimental. Mais que buscar soluções permanentes, ela abre fissuras no tecido urbano, desafia normatividades, acolhe outras formas de estar e tensiona as fronteiras entre público e privado. Trata-se, sobretudo, de uma tomada de posição: afirmar a presença travesti como potência de fabulação urbana.

Urbanismo travesty: ensayos sobre la prostitución entre lo sagrado y lo profano

Este ensayo propone una reflexión crítica sobre la prostitución de travestis en São Paulo, tomando la tensión entre lo sagrado y lo profano como clave analítica para repensar el espacio urbano. Al elegir la calle Rego Freitas y la región central como territorio de investigación, articula memoria, violencia, sociabilidad disidente y estética travesti, evidenciando tanto mecanismos de exclusión como potencias de reexistencia en los márgenes de la ciudad. De carácter ensayístico y político, el trabajo se organiza en tres tiempos – denuncia, proposición y transformación –, con énfasis en la pedagogía del rechazo y en la hipótesis de un urbanismo travesti como forma de intervención espacial. El análisis histórico de la prostitución, de las políticas públicas dirigidas a la población trans y de las dinámicas necropolíticas que atraviesan los cuerpos transfemeninos permite comprender la ciudad simultáneamente como tecnología de muerte y posibilidad de reinvencción. Por último, se propone una prótesis urbana, concebida como intervención experimental. Más que buscar soluciones permanentes, esta abre fisuras en el tejido urbano, desafia normatividades, acoge otras formas de estar y tensiona las fronteras entre lo público y lo privado. Se trata, sobretudo, de una toma de posición: afirmar la presencia travesti como potencia de fabulación urbana.



Sou operário e trabalho numa fábrica de aspiradores. Um aspirador poderia ser muito útil para minha mulher. Por isso, todos os dias eu levo uma peça escondida para casa. À noite, tento montar um aspirador com peças roubadas. Mas, não importa como eu combine as peças, o resultado é sempre uma metralhadora.

(Texto-pintura de Camila Braga, utilizado pela Cia Mugunzá)

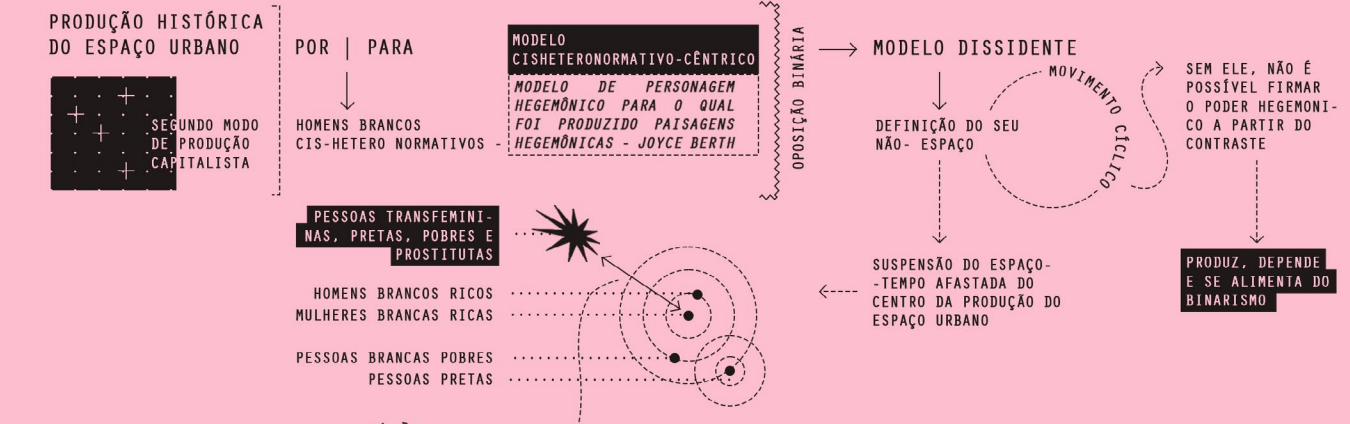
O que se evidencia diante dessa imagem – tão violenta quanto transgressora – é que, apesar das combinações estarem constantemente em reconfiguração, o resultado da barbárie nunca se altera: a arma sempre se impõe, e continua se impondo. No campo da produção urbana, essa constatação revela mais do que um fracasso de arranjos. O que se tem é a contínua reformulação de uma maquinaria espacial regida pela égide da propriedade. Sob novas configurações, mas ainda assim dentro das mesmas engrenagens excludentes, repetindo os padrões que fundaram a cidade. Se o espaço urbano foi erguido a partir de peças normativas de inteligibilidade cisheteropatriarcal, a metralhadora resultante desse arranjo não poderia, em nenhuma hipótese, deixar de ser uma arma contra aqueles que escapam a essa ordem. Assim, esse campo, desde o início, é uma tecnologia de exclusão – e nada que se construa com essas mesmas peças deixará de ser arma.

Esse diagnóstico não é abstrato. Ele se materializa, de forma explícita, em uma cidade como São Paulo, que evidencia os limites reais da promessa constitucional, sua lógica não apenas reflete tais restrições, mas as engendra e instrumentaliza como estratégia de controle. Ou seja, esta paisagem

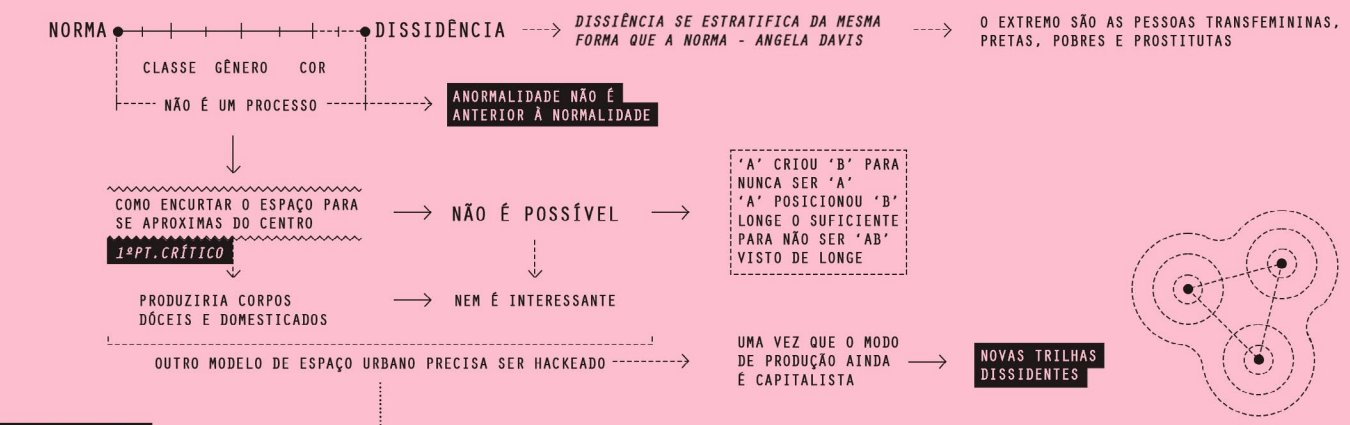
disfuncional, no que tange à possibilidade de efetivar um mundo comum, capaz de partilhar e assegurar, sobretudo, a vida, se figura como um entrecruzamento espaço-tempo (Foucault, 1967), em que, se condensam forças históricas e políticas que produzem – e são produzidas por – relações desiguais de poder. O que foi articulado, então, é um dispositivo que administra contradições a partir de critérios impostos pelas classes dominantes, convertendo o território em campo de disputa pelo direito de existir e permanecer.

Sob tal ótica, a ideia de propriedade privada se estende para além dos bens materiais: ela captura corpos e neles as potências e possibilidades de existir em plena inteligibilidade, transformando-os em objetos reguláveis pelo Estado e convertíveis em mercadoria sob a lógica do mercado (Preciado, 2018). O corpo, nesse sentido, deixa de ser apenas um campo de direitos e passa a ser território de disputa, não mais enquanto sujeito pleno, mas enquanto superfície normativa onde incidem interesses alheios. Dessa maneira, a subjetividade, antes reconhecida como dimensão constitutiva da existência, é reduzida a um dado operacional, administrável por tecnologias de controle e calibrável segundo métricas de normalidade e obediência.

1º MOMENTO



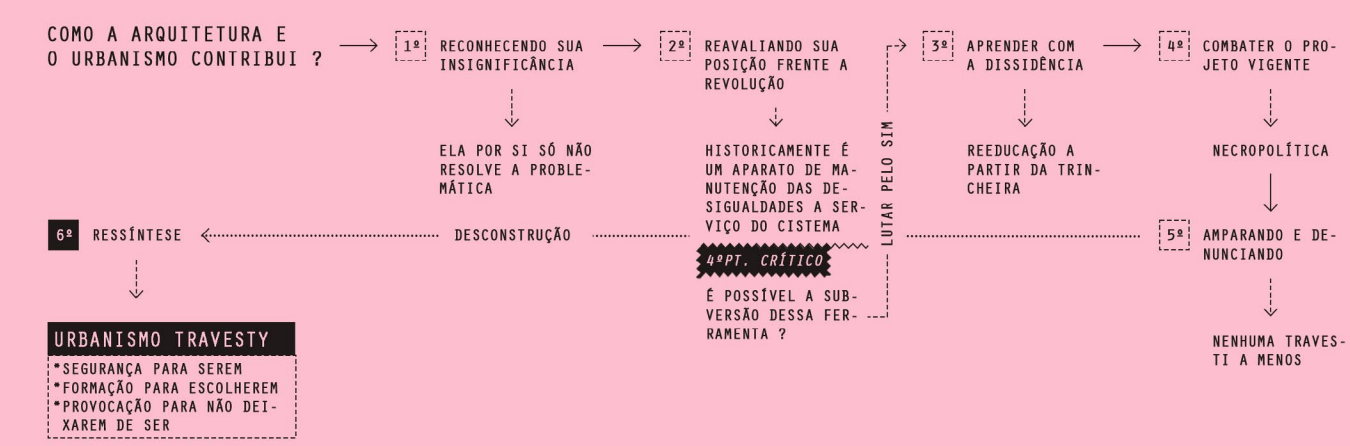
2º MOMENTO



3º MOMENTO



4º MOMENTO



Dessa maneira, o que se torna necessário, nesse caso, é o tensionamento da própria noção de propriedade como fundamento da organização urbana, não só como uma estrutura jurídica ou territorial, mas também como um regime moral. E que, como tal, define o que pode ser considerado legítimo, habitável, digno de proteção; e o que deve ser eliminado. Essa esfera privada, no entanto, não existe de forma hermética ou apartada de suas ideologias estruturantes, ela é moldada por parâmetros normativos e normalizantes, atravessados por interesses de classe, de gênero e de sexualidade. Não há neutralidade na moral que legitima essa dominação: ela é e foi a força que decidiu quem pode possuir e quem deve apenas existir à revelia do permitido, que consagra o capital e abomina o corpo que não se dobra ao regime da decência proprietária (Engels, 1884).

Ou seja, o ato de projetar, aqui, colide com a própria estrutura de fundação da cidade. A arquitetura e o urbanismo, quando operados sem reavaliar as premissas que os conformam, tornam-se instrumentos de manutenção histórica das desigualdades, operando a serviço desse sistema. Diante disso, a pergunta que se impõe é: qual o alcance de uma contribuição

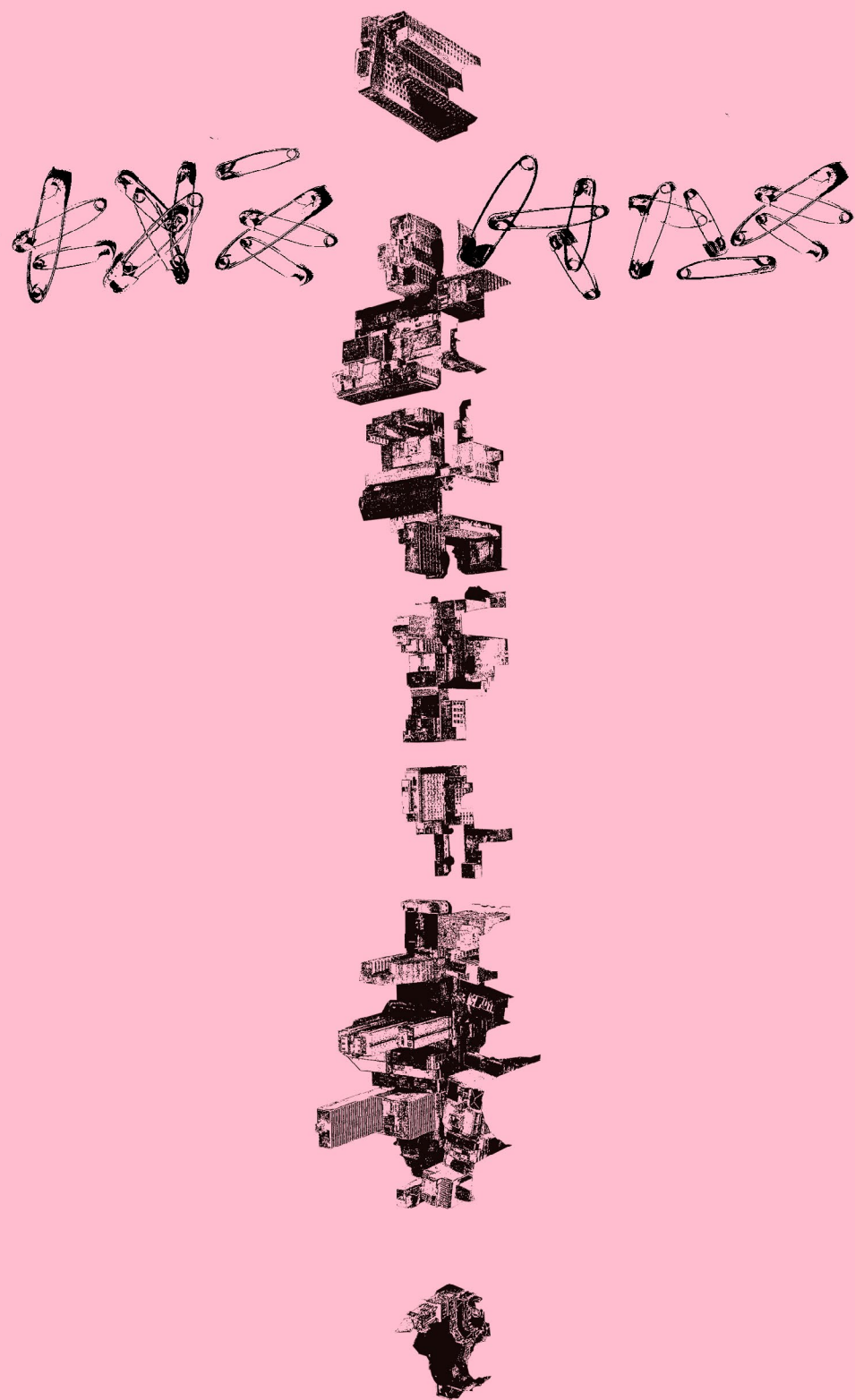
projetual em um arranjo urbano regido por normativas excludentes, sem que recaia à repetição do mesmo roteiro que alocou pessoas transfemininas à margem e ao limiar da humanidade?

A resposta que se buscou construir parte do reconhecimento de que uma proposta voltada a essas vidas, sobretudo às que foram lançadas à prostituição como único destino possível, não pode se alinhar às bases que historicamente as empurraram para fora do campo do pertencimento. Recusar a neutralidade técnica e o conforto moral do reformismo é, portanto, condição mínima. Porque desenhar, nesses termos, não é apenas recombinar peças, mas confrontar as lógicas que instituem quem pode estar e quem deve ser removido. A prática, quando voltada à margem, carrega o risco de funcionar como véu humanitário de uma estrutura excludente. Assim, o projeto, nesse contexto, pode ser veneno ou remédio; nunca neutro, sendo, na maior parte das vezes, veneno para determinados corpos. Dependendo da dosagem e da intenção, pode tanto abrir quanto asfixiar mundos. E talvez, por pura desobediência, reste a nós atrapalhar – ainda que parcialmente – a vida daqueles que, com suas certezas, seguem destruindo futuros.

Mas se este ato carrega o risco, de ser arma ou veneno, também pode, por desvio, abrir com força, algumas frestas. É nesse campo tenso, entre asfixia e criação, que se torna possível (espera-se) fabular outro urbano. E aqui recorro a um exemplo performado na cena *ballroom* de Nova Iorque nos anos 1980, espaços forjados nos guetos dissidentes, onde travestis e corpos dissidentes desfilam em categorias que encenam mundos dos quais foram sistematicamente expulsos. Em cada categoria de desfile, tornam-se médicas, modelos, executivas; não para mimetizar o mundo que as rejeitou, mas para assumir

o protagonismo de um que poderiam construir. Ainda que efêmera, essa fabulação é um gesto radical, um exercício de imaginação política encarnado no corpo que desfila. E é isso o que se propõe aqui, não um projeto que represente essas vidas, mas um que fabule com elas a possibilidade de um urbano em que não estejam à margem, mas no centro da produção do espaço. Onde não sejam apenas toleradas, mas reconhecidas como vitais. E se esse mundo seguir impossível, que, com sedas, elas matem a cidade como está. Porque, se a cidade é uma arma, o projeto pode ser instrumento de contra-ataque.





Mas talvez seja justamente nesse reflexo estilhaçado, nessa urbe que insiste em sobreviver às tentativas de apagamento, que o futuro possa enfim se reconfigurar. Não pela via de um novo pacto de ordem e progresso, mas pela abertura radical ao descontrolado; àquilo que, ao não caber, ao não se integrar, reconfigura as próprias bases da cidade. O porvir urbano, se é que haverá, dependerá não da eliminação do excesso, mas da persistência incômoda do que insiste em existir apesar de tudo. Pois essa resistência insurgente, que não está limitada ao confronto direto, arrasta-se pelas esquinas e ocupa as brechas do cotidiano. Funciona como uma moral insubmissa, alimentada pela divergência, que faz do existir um

ato provocativo. Dessa maneira, ocupar os guetos, construir redes, sobreviver, tudo isso transmuta-se em gesto revolucionário, em que a ética forjada à margem não busca replicar o mundo que a rejeita, ela inventa outro. Um mundo entre a urgência e o desejo, entre o improvisado e a permanência. Ou seja, essa recusa à inteligibilidade normativa reordena as noções de pertencimento, não as teorizando, mas vivendo-as. E é justamente naquilo que tentaram tornar abjeto que explode a fúria de um outro mundo, não por antecipação do futuro, mas por uma presença que rasga o agora. Porque imaginar, afinal, pode ser, em si, um ato de insurgência. Entre os possíveis, elas escrevem, e ao escrever, fabricam outros (Preciado, 2020).

É a partir dessa leitura que a proposta projetual se debruça. As próteses urbanas operam como dispositivos de ruptura que tensionam as lógicas fundadoras da cidade, não como apêndices parasitários, mas como fraturas no corpo normativo do urbano, instaurando zonas de ambiguidade onde o que era tido como incompatível pode coexistir. Ao embaralhar pares binários – público/privado, moral/imoral, sagrado/profano – o que se propõe não é apenas outra forma de ocupar o espaço, mas a possibilidade de reimaginar suas regras. O solo do urbano, literal e simbólico, se coloca em disputa. E, como em um jogo, entramos não para ganhar, mas para refazer as regras.

Assim como o corpo das pessoas transfemininas é atravessado por intervenções que lhe permitem habitar o mundo de maneira mais justa para si, também o espaço precisa ser violentamente reconfigurado para deixar de reproduzir a lógica que o constituiu como arma. O redesenho do corpo do lote urbano, portanto, torna-se metáfora e ação concreta: a prótese como reconfiguração que, ao invés de complementar um corpo faltante, recusa a norma do corpo original. Tornar o corpo-lote um lugar habitável é, portanto, recusar sua função histórica de disciplinar e excluir. E, talvez, mais que isso, é inscrever nele a possibilidade de uma cidade em que as travesti não apenas sobrevivam, mas habitem com dignidade, fúria e prazer.

Mais do que um acople de estruturas, a ação aqui se torna um gesto de deslocamento: dissolver os contornos rígidos que mantêm corpos e modos de vida segregados, disputando as fronteiras materiais como território de reinvenção. Não se trata de eliminar a separação entre público e privado, mas de reconfigurá-la a partir de outras gramáticas, sensíveis à dissidência, ao desejo e à convivência com o que foi expulso do regime da decência proprietária. Borrarr tais delimitações é, assim, um movimento ético-político que se recusa a aceitar o binarismo como destino – binarismo que conformou a própria noção de propriedade e excluiu tudo aquilo que escapa ao molde da cis-heteronormatividade branca, burguesa e cristã. Tornar possível o trânsito de travestis pelo espaço público, portanto,

é recusar as premissas que sustentaram o urbanismo moderno como aparato de espoliação e contenção.

Diante disso, como materializar tais fraturas no corpo urbano? Como inscrever gramáticas dissidentes no espaço da cidade sem recair na reiteração da norma que pretendem romper? A prótese aqui proposta não se distribuiu pela urbe de forma intuitiva. Sua inserção foi guiada por um percurso metodológico sustentado na escuta, na leitura e na presença. Primeiro, uma leitura abrangente do território – da conformação histórica enquanto zona de prostituição à sua dinâmica atual – buscou compreender as camadas que o constituem, seus conflitos e zonas de fricção. Depois, as visitas de reconhecimento permitiram mapear potências latentes, brechas, fluxos e pontos de tensão. Por fim, o diálogo com frequentadoras da região, suas percepções e desejos, orientou em parte a base programática das intervenções. Esses procedimentos – análise espacial, observação situada e escuta sensível – estruturam o exemplo que será desenvolvido a seguir.

Outro fator ponderado ao se pensar uma proposta destinada a uma população sistematicamente marginalizada é a garantia de suporte imediato à vida. Não se trata apenas de projetar espaços, mas de responder, com urgência, às condições materiais e simbólicas que definem quem pode viver, e como pode viver, dentro do urbano. Tratar de diretrizes emergenciais, no entanto, é já partir de uma contradição brutal: como estabelecer mínimos a quem historicamente teve tudo negado? O que aqui se convencionou chamar de "mínimo" – descanso, higiene, formação, lazer, acolhimento – é, na verdade, aquilo que sempre foi recusado às travestis nas engrenagens da cidade. Propor, então, esse conjunto de suportes não é oferecer benevolência, mas reconhecer que a própria arquitetura deve se curvar à urgência da reparação. Cada gesto projetual precisa carregar em si a consciência de que está lidando com o que restou de uma guerra cotidiana: corpos mutilados, memórias violentadas e territórios que ainda insistem em pulsar, apesar de tudo.

Indo além, essas próteses urbanas operam a partir de duas estratégias principais: adição e subtração. Em

determinados casos, trata-se da adição de volumes a estruturas pré-existentes; marquises, empenas cegas, fachadas; acoplamentos que tensionam a paisagem cotidiana ao introduzir novas presenças nos interstícios da cidade. Em outros, o gesto é de subtração, a remoção de elementos arquitetônicos consolidados, como o rompimento de muros, a retirada parcial de edifícios ou a abertura de passagens em esquinas historicamente utilizadas no contexto da prostituição. São intervenções que desorganizam a lógica da propriedade e do controle, reabrindo o espaço ao fluxo da vida dissidente – sempre ancoradas em diretrizes que reconhecem essas existências não como problema a ser contido, mas como potência a ser acolhida e sustentada. Nessas ações, a cidade acaba por ganhar seios, redesenha suas lógicas a partir do esmaecimento das fronteiras, tornando-se um lugar mais generoso para as travestis.

Essas intervenções, embora simples na aparência, não são neutras, reivindicam o direito de ocupar o que sempre foi negado. Se o objetivo é borrarr os limites rígidos entre público e privado, é preciso agir na materialidade desses limites. As próteses, instaladas nos vãos da cidade, encostadas, encaixadas, alojadas em brechas, não só criam usos, mas denunciam as exclusões que a forma urbana impõe. São fissuras na lógica da propriedade, gestos de reapropriação que recusam a norma e garantem às pessoas transfemininas o direito de serem livremente públicas.

Adiante, é fundamental reconhecer um traço essencial dessas intervenções, elas não são estáticas nem encerram sua existência no instante de sua montagem. Pelo contrário, tal como a cidade e as pessoas que nela habitam, são estruturas em permanente mutação, organismos vivos e vivíveis que geram reverberações contínuas no tecido urbano ao qual se acoplam. São próteses transformadoras, que ficarão ou não, dependendo das próprias dinâmicas que gerarão. Elas não oferecem uma resposta única ou definitiva, mas se transformam com o tempo, reagem aos deslocamentos, acompanham as fugas e se reconstituem a partir das potências que o próprio tempo fornece. Não temem a transformação, antes, a acolhem como método.

Assim, o desejo de intervir na esquina da Rego Freitas com a Major Sertório, no

centro da cidade de São Paulo, surgiu a partir de passagens noturnas pela rua e da percepção daquele trecho como uma esquina de prostituição. É embaixo de uma copiadora que as travestis se posicionam, em pé, sentadas num pequeno banco improvisado ou abrigadas sob a marquise nos dias de chuva. Por reconhecer que os espaços de prostituição são também territórios de intensa sociabilidade, o local se revelou como ponto de grande potência, tanto pelas condições materiais que apresenta quanto pela densidade simbólica que carrega.

O primeiro momento do projeto se dá com o alargamento da calçada e a incorporação do lote vizinho à copiadora, onde se insere uma prótese urbana que funciona como eixo de circulação vertical para a cobertura do motel existente. A posição da escada, voltada diretamente para a rua, não é escolha estética: ela é convite. Um gesto direto, que parte da calçada – esse lugar já tomado por elas – e se estende para cima, abrindo caminho para que possam subir. Inverte-se a lógica do espaço de uso coletivo embaixo e privado em cima. Neste, o que se faz é elevar o uso público para o céu, imediatamente. Sobe-se, protege-se, descansa-se, subverte-se.

Além da escada e da estrutura metálica que eleva o térreo sobre o motel, propõe-se a criação de um programa múltiplo que se organiza em torno de uma praça pública, cercada por jardins e abrigando um pequeno laboratório de perfume. Essa inserção não visa a moralização da prostituição, que é, para muitas, o sustento possível, mas amplia o horizonte de possibilidades. Cria, pela simples proximidade espacial, a chance de outras experimentações, outros tempos, outros gestos.

Tal como Marguerite Gautier, personagem de "A dama das camélias", essas mulheres transitam entre o desejo, a exclusão e os circuitos da cidade que lhes foram destinados. Mas aqui, diferentemente do romance, não se trata de redimir a prostituta pelo amor ou pelo sacrifício. Trata-se de devolver à paisagem urbana a complexidade dessas vidas, com seus cheiros, cansaços e escolhas, e criar espaços onde o perfume não precise encobrir o suor, mas possa com ele conviver.

Se, no primeiro gesto, o projeto nasce do perfume – daquilo que se insinua no ar, do convite sutil que se espalha sem fazer alarde – o segundo momento enfrenta o suor. O corpo cansado, o tempo acumulado em gestos repetidos. É nesse embate entre desejo e exaustão que se propõe o redesenho do térreo da esquina.

A ação consiste na subtração do térreo da copiadora, mantendo, no entanto, sua circulação vertical para os demais pavimentos. No lugar, insere-se um banheiro público e um espaço de estar, garantindo que essas mulheres não precisem mais se apoiar em bancos improvisados ou se abrigar sob a marquise nos dias de chuva. Mais do que um sanitário ou ponto de descanso, trata-se de um abrigo pensado para o cuidado cotidiano: um lugar onde se possa repousar, retocar a maquiagem, conversar, tudo isso num eixo protegido, que não rompe com a rua, mas propõe uma outra relação com ela.

Ainda nesse redesenho imediato do térreo, intervém-se também na base do motel. Hoje ocupado por um estacionamento 24 horas, funcional, mas redundante numa região já saturada de espaços voltados exclusivamente para carros, esse pavimento é reconfigurado. Em seu lugar, propõe-se a adição de novos quartos de motel. A ocupação, aqui, é perimetral, seguindo o contorno da edificação existente e deixando o centro livre. Um gesto que antecipa a possibilidade de um novo espaço por vir, um vazio que à primeira vista é inóspito, mas que prepara o terreno para o que será o terceiro movimento.

Ao deslocar o programa para um uso vinculado à permanência, ao íntimo e à negociação de afetos, como é o caso dos quartos de motel, o projeto reintroduz no térreo uma lógica de habitar que contrasta com sua condição anterior de vazio funcional. A ocupação perimetral desse nível instaura uma nova condição espacial: ela não apenas expande o uso do edifício existente, como também reconfigura a relação entre o chão da cidade e os modos de vida que nele se inscrevem.

Mais do que reprogramar o térreo, o que se propõe é uma subversão das hierarquias tradicionais entre público e privado. O que antes era espaço público – a calçada, o passeio, a rua – se eleva à cota superior,

abrindo-se como lugar de permanência, encontro e refúgio; enquanto o que era reservado ao íntimo – os quartos de motel – desce ao nível da cidade, tornando-se vizinho da calçada, em fricção direta com o urbano. Essa inversão não busca diluir os limites entre esferas, mas intensificá-los: o íntimo, aqui, não se esconde, ele aparece, resiste, tensiona. Trata-se, portanto, de uma operação que reinscreve o privado na cena pública, não como enclausuramento, mas como presença sensível. O térreo, nesse gesto, torna-se menos um lugar de passagem e mais um campo de disputas e encontros, onde a intimidade já não é sinônimo de retração, mas de convivência provocadora com o espaço comum.

O terceiro momento, mais do que uma resposta definitiva, busca integrar os usos da cobertura ao conjunto. Se, no segundo momento, o primeiro pavimento do motel permaneceu intacto, preservando suas estruturas e funções, agora propõe-se a subtração dos volumes que se situam acima do vazio central do térreo. Essa operação permite que a luz natural penetre no pavimento inferior, criando duas praças distintas: uma, ladeada por jardins, no pavimento da cobertura; e outra, cercada pelos quartos, no térreo, estendendo ainda mais o tensionamento com a calçada ao transformar o pátio central em um eixo de passagem e estar, levando o público para dentro do privado do lote.

LEGENDA

- 01 BAR J.B DRINKS
- 02 TEATRO DAS NAÇÕES
- 03 WEST BAR
- 04 BOATE VAL SHOW
- 05 BATUK BAR
- 06 BOATE PROIBIDU'S
- 07 BAR ROLETA
- 08 BAR CHOPP ESCURO
- 09 PALÁCIO JACQUELINE
- 10 1ª PARADA LGBTQIA+
- 11 CINE AROUCHE
- 12 BOATE MAN'S COUNTRY
- 13 BOATE HOMO SAPIENS
- 14 BAR DINOSAURUS
- 14 BAR MISTURA FINA
- 15 BOATE PICA-PAU
- 16 CINE COMODORO
- 17 BAR MICHEL
- 18 CAVE BAR
- 19 BAR CANTHO
- 20 BAR CANECA DE PRATA
- 21 BAR LECO
- 22 BAR BARROQUINHO
- 22 CINE METRÓPOLE
- 23 BAR PARIBAR
- 24 CINE BARÃO
- 25 CINE IPIRANGA
- 26 CINE MARABÁ
- 27 BAR DO JECA
- 28 CINE OLIDO
- 29 CINE ART-PALÁCIO
- 30 CINE CAIRO

- SOCIABILIDADE LGBTQIA+
- //// REGIÕES DE PROSTITUIÇÃO
- CAMINHOS PROSTITUIÇÃO TRANSFEMININA
- CAMINHOS PEGAÇÃO OU FLERTE
- ➔ 1ª CASA DE APOIO NO BRASIL DESTINADA ÀS TRAVESTIS COM HIV.

MAPA HISTÓRICO

LUGARES DE SOCIABILIDADE LGBTQIA+ NA DÉCADA DE 80





PARÓQUIA NOSSA
SENHORA DA CONSOLAÇÃO

PRÓTESE .01

PRÓTESE .02

MAJOR SERTÓRIO

GENERAL JARDIM

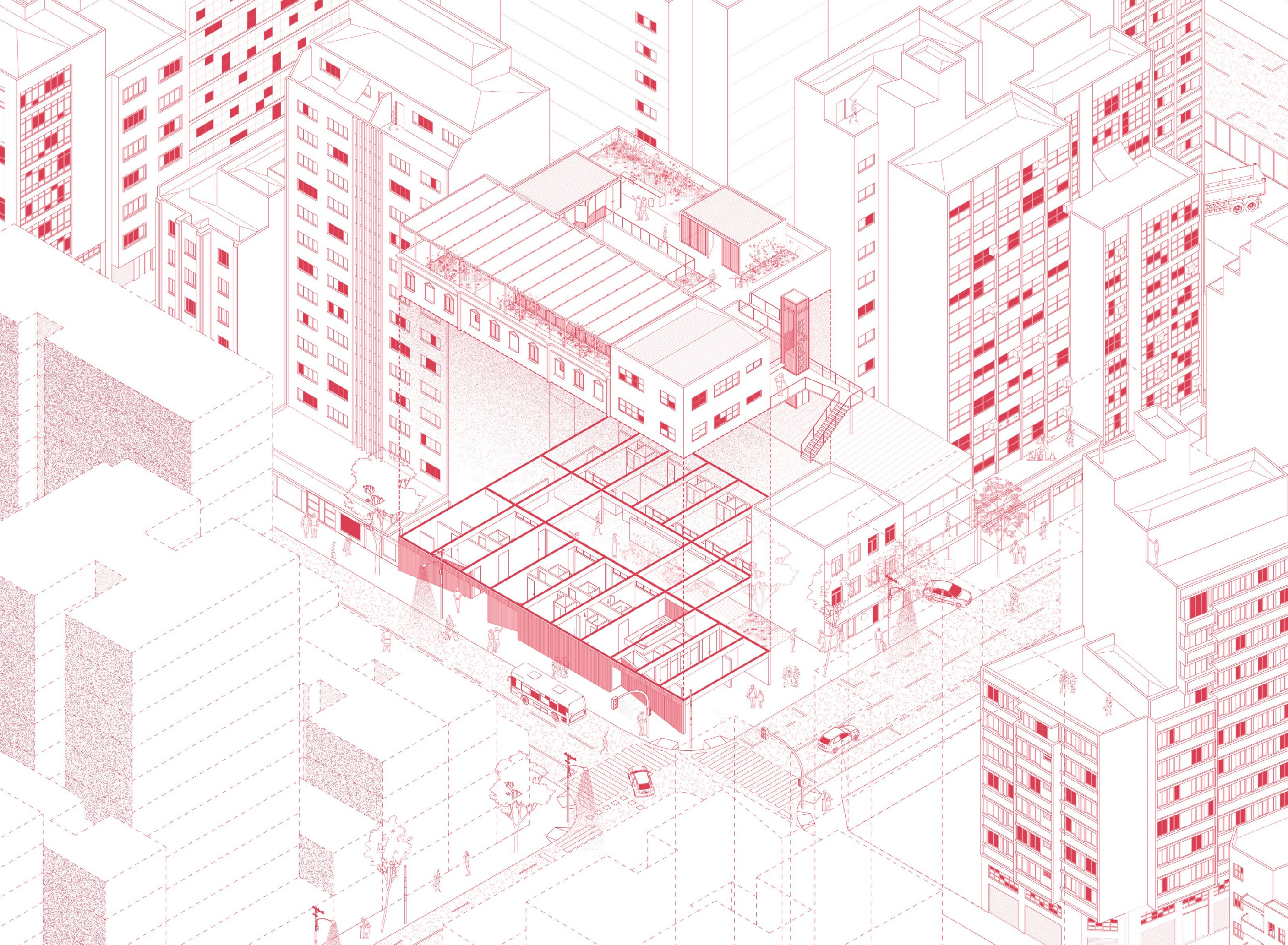
REGO FREITAS

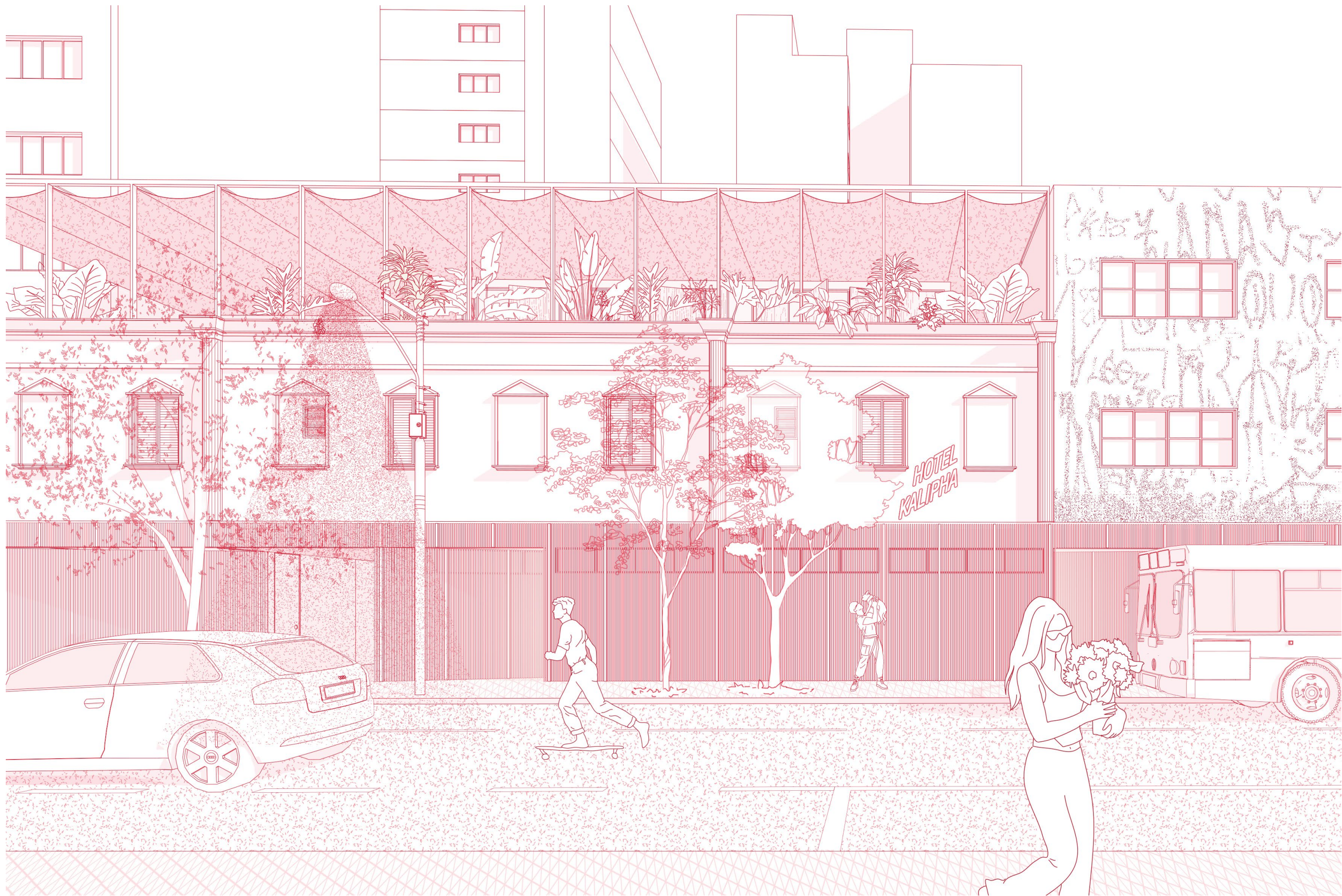
CINE-PORNO AROUCHE

100M









LISTA DE FIGURAS

FIG.1: Diagrama de produção do espaço urbano. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.2: Maquete de agulhas Rua Rego Freitas, todos os prédios em contato com a rua tiveram seu contorno representado por agulhas.

FIG.3: Mosaico de pessoas transfemininas assassinadas. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.4: Fotocolagem de prédios em contato com a Rua Rego Freitas do sagrado ao profano. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.5: Mapa de sociabilidade LGBTQIA+ na década de 1980. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.6: Masterplan de intervenções na Rua Rego Freitas. Prótese 1- CRD Brunna Valin; Prótese 2 - laboratório de perfumes-motel. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.7: Perspectiva isométrica explodida, laboratório de perfumes-motel. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.8: Perspectiva isométrica explodida, prótese 2 laboratório de perfumes-motel. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

FIG.9: Vista laboratório de perfumes-motel, encontro do novo com pré-existências. Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

REFERÊNCIAS

DUMAS, Alexandre. *A dama das camélias*. Trad. William Lagos. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2021. (Trabalho original publicado em 1884)

FELDMAN, Sarah. *Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo*. 1989. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. doi:10.11606/D.16.1989.tde-20250605-094540.

FOUCAULT, Michael. *Des espaces autres*. Paris: Centre d'Études Architecturales, 1967.

MOURA, G.P. Prostituição e espaço urbano: a perspectiva putafeminista nos escritos de três prostitutas ativistas brasileiras. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v.23, 2021. Dossiê Território, Gênero e Interseccionalidades.

PASSOS, Maria Clara Araújo. *Pedagogia das Travestilidades*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Trad. Eliana Aguiar. Prefácio de Virginie Despentes. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SOBRE O AUTOR

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2025.

faumack.trigo@gmail.co

ENSAIO

Labirinto dos sentidos: narrativa e simbolismo na Tomba Brion de Carlo Scarpa

Domenico Santoro e Luigi Filippetto

Orientação: Prof. Dr. Gilberto Mariotti e profa. Ms. Joana Barrosi (Escola da Cidade)
Pesquisa: Ensaio desenvolvido na disciplina Arte e arquitetura no campo ampliado da Escola da Cidade em 2025.

Este ensaio busca por meio do uso da linguagem conduzir o leitor a experienciar de maneira sensorial o promenade architecturale contido no percurso projetado por Carlo Scarpa para o jazigo da família Brion. Ao longo do trajeto buscamos analisar diferentes facetas da simbologia do espaço, onde o arquiteto, por uma mescla de diferentes signos, desenvolve alegorias sensoriais, incitando os visitantes a participar de um jogo de múltiplas figurações em seu percurso pelo

espaço-tempo do lócus fúnebre. O método utilizado baseia-se no uso do conceito da descrição densa elaborada pelo antropólogo americano Clifford Geertz. Ao utilizarmos tal método buscamos desvelar parte do intrincado enredo geométrico utilizado pelo arquiteto em sua composição espacial, como tentativa de tradução da experiência sensorial do espaço edificado em um dédalo verbal por meio de uma trama descritiva codificadora do espaço.

Labyrinth of the senses: narrative and symbolism in Carlo Scarpa's Brion Tomb

This essay seeks, through the use of language, to guide the reader toward a sensory experience of the promenade architecturale inherent in the path designed by Carlo Scarpa for the Brion Tomb. Throughout this journey, we analyze different facets of the site's symbolism, where the architect, through a blend of diverse signs, develops sensory allegories, prompting visitors to participate in a game of multiple figurations as they traverse the space-time of the funerary locus. The method employed is based on the concept of "thick description" elaborated by the American anthropologist Clifford Geertz. By using this method, we aim to unveil part of the intricate geometric narrative employed by the architect in his spatial composition, attempting to translate the sensory experience of the built space into a verbal labyrinth, a descriptive plot that encodes space.

Labirinto dos sentidos: narrativa y simbolismo en la Tumba Brion de Carlo Scarpa

Este siguiente ensayo busca, mediante el uso del lenguaje, conducir al lector a experimentar de manera sensorial la promenade architecturale contenida en el recorrido proyectado por Carlo Scarpa para la tumba de la familia Brion. A lo largo del trayecto, buscamos analizar diferentes facetas de la simbología del espacio, donde el arquitecto, por una mezcla de distintos signos, desarrolla alegorías sensoriales, incitando a los visitantes a participar de un juego de múltiples figuraciones en su recorrido por el espacio-tiempo del locus fúnebre. El método utilizado se basa en el concepto de descripción densa elaborado por el antropólogo estadounidense Clifford Geertz. Al utilizar tal método, buscamos develar parte del intrincado entramado geométrico usado por el arquitecto en su composición espacial, como tentativa de traducir la experiencia sensorial del espacio edificado en un dédalo verbal por medio de una trama descriptiva codificadora del espacio.